

As práticas que constroem autodisciplina não fazem sentido para aqueles aspectos da consciência individual que se resistem à aprendizagem. A maior parte das pessoas também rejeita a autodisciplina e pode desprezar ativamente todo esforço por autoaperfeiçoamento.

Se alguém deseja seguir o seu coração e avançar pelo caminho da verdade, é necessário praticar ações diárias que parecem tolas. Discernimento é indispensável. Porque a ação correta pode ser facilmente descrita como um erro, e a tolice se apresenta quase todos os dias como a mais brilhante sabedoria.

NOTA:

[1] “Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, Volume II, Carta 126, p. 274.

O Respeito Derrota Agressões Psicologia Humanista Ensina a Valorizar a Diversidade da Vida



A longa experiência da Sociedade Teosófica de Adyar e de outros grupos “esotéricos” demonstra que é inútil aderir a crenças absurdas e realizar rituais “místicos” de origens supostamente medievais.

Os pioneiros de uma civilização fraternal devem estudar e compreender a si próprios em primeiro lugar. Eles precisam examinar sua própria sabedoria e sua ignorância e esclarecer o mistério das relações humanas. A Psicologia, definida como conhecimento da alma, cumpre um papel decisivo no século 21. É correto parafrasear Terêncio e dizer:

“Sou um ser humano, e tudo que é humano me diz respeito.”

Na década de 1960, a Análise Transacional trouxe bom senso ao enfoque psicológico das relações humanas. Best-sellers do século passado como “Eu Estou OK, Você Está OK”, de Thomas A. Harris, popularizaram um conhecimento correto sobre os diferentes níveis de consciência existentes na alma humana, e ensinaram maneiras práticas de encontrar equilíbrio e harmonia promovendo ao mesmo tempo a prática da sinceridade na vida diária. Ainda no século 20, Erich Fromm, Viktor Frankl, Karen Horney, Rollo May e outros denunciaram e enfrentaram a materialização e a “mercantilização” da vida humana.

Mais recentemente, uma nova onda de consciência psicológica discute o processo da desumanização e usa o conceito de “bullying”, que é definido como “o uso da força, de ameaças ou coerção para abusar, intimidar, ou dominar agressivamente outras pessoas”. Patricia Evans está entre os autores dos livros de maior sucesso sobre o tema do abuso verbal.

De fato, se olharmos sob a superfície, o desrespeito não é difícil de observar nas relações humanas. Estamos enfrentando uma crise coletiva de desrespeito pela vida e de negação da ética.

As igrejas e o cerimonialismo “esotérico” não oferecem soluções. Eles são parte do problema, na verdade, porque o faz-de-conta e o fingimento, ainda que sejam devocionais e religiosos, estão entre as formas mais desastrosas de abuso. A mentira piedosa obstaculiza a aprendizagem da alma.

As pessoas devem aprender a respeitar a si mesmas, antes que possam realmente respeitar os outros, e isso dependerá de sua capacidade de expandir seus antahkaranas, a ligação com suas próprias almas espirituais, o que nada tem a ver com a adesão a qualquer sistema de crença cega.

O autodesrespeito leva ao desrespeito pelos outros. A guerra é uma forma de desprezo pelos seres humanos. O terrorismo é outra. Quando “poderosos” banqueiros e políticos formam parcerias ocultas com traficantes de drogas e mercadores de armas, esta é uma forma de abuso contra a humanidade.

No carma humano acumulado, o abuso verbal entre pessoas está ligado a formas mais amplas de abuso que ocorrem em níveis econômicos e sociais. O desrespeito pessoal é inseparável de várias formas políticas, financeiras, culturais e religiosas de desprezo pela vida.

Na ponta de uma longa lista de formas de abuso, o “esoterista” pode secretamente invejar o seu colega de busca da verdade. O marido pode abusar verbalmente da sua esposa, e vice-versa. Os pais podem abusar dos seus filhos, e uma criança pode desrespeitar outras crianças.

Tais abusos podem ser ostensivos ou disfarçados. Eles podem explodir, ou podem ser sutis e implícitos. Todos eles resultam da ignorância. Surgem de pessoas internamente sem forças, que pretendem transformar os outros naquilo que pensam que são: cegos para a verdade e incapazes de amar.

O dever do teosofista é lutar contra este círculo vicioso e encadeamento de causas e efeitos. Para ajudar a humanidade com eficiência, o movimento esotérico deve perceber a identidade

essencial entre a ética, a teosofia e a psicologia definida como autoconhecimento. O verdadeiro autoconhecimento implica o conhecimento de todos os seres humanos.

As palavras e a literatura da filosofia esotérica devem ser usadas para alcançar e partilhar o conhecimento, e não para fazer propaganda de alguma corporação e obter seguidores cegos.

A implosão que a Sociedade Teosófica de Adyar vem vivendo já há vários anos deve servir como uma lição de sinceridade, não só para os seus membros, mas também para os seguidores e afiliados de todas as outras formas de “esoterismo organizado”. Nenhuma associação está livre de erros. Cabe despertar do “sonho corporativo”, que normalmente se transforma num pesadelo burocrático.

A autorresponsabilidade leva ao autoconhecimento, e o autoconhecimento produz fraternidade.

Autoconhecimento é o conhecimento da Lei do Equilíbrio. O movimento esotérico deve libertar-se do mero exercício das artes manipulatórias em relações humanas, e da politicagem “espiritual”. Deve transformar-se em uma federação livre de pesquisadores que procuram pela verdade e não prestam demasiada atenção à mera aparência.

(CCA)

000

O Lado Esotérico dos Irmãos Metralha



Organizar fraudes em relação a assuntos mundanos é com frequência considerado crime.

Promover ou proteger fraudes religiosas, “espirituais” e “esotéricas” é ainda mais prejudicial, porque significa roubar e desorientar as Almas das pessoas, atacando de modo invisível os níveis altruístas da consciência.

Isso é algo que certos líderes de associações esotéricas ainda precisam compreender: os Irmãos Metralha não deveriam ter discípulos em círculos dedicados à busca da sabedoria.

A Vida Silenciosa da Alma

Descobrendo o Mundo da Sabedoria Eterna

John Garrigues



Falar da Alma que não tem forma é o mesmo que materializá-la: é dar-lhe uma forma. Falar sobre o silêncio é quebrá-lo. Pensar sobre a Alma que vive no silêncio significa tentar invadi-la, e deste modo é impossível encontrá-la.

Não é só o barulho dos sentidos que transforma este mundo num ambiente cheio de conflito e obstáculos para a meditação. É relativamente fácil fechar a casa da vida e colocar chave nas suas portas, de modo que a confusão de nobres e plebeus lutando pelo domínio seja deixada do lado de fora. Quando isso é feito de modo firme e deliberado, descobrimos que o verdadeiro campo de batalha está dentro de nós e não fora.

É revelado então que a memória, a imaginação, o desejo, o pensamento e o sentimento não são simples ajudantes a serviço da Alma, mas usurpadores instintivos, traidores ferozes, rápidos e dotados de uma vida própria, que crucificam quem está buscando entrar no silêncio daquele “Salão da Sabedoria que está mais além”. [1]

O indivíduo que não consegue dominá-los com as palavras sacramentais “paz, fiquem quietos”, deve experimentar inevitavelmente o gosto amargo da derrota e do desespero; deve cair, de fato, no silêncio conhecido pelo homem comum, o silêncio do sono ou da morte, do qual não há qualquer saída que não seja inconsciente. Seja qual for o significado da palavra Meditação para os perplexos, uma coisa é certa: que Meditação significa entrar *conscientemente* no silêncio.

Aquele que pode permanecer atento enquanto prossegue a batalha interna e externa da Alma pode ter esperança. No entanto, a Esperança em si mesma apenas leva a Alma ao longo de algum corredor cuja única saída é também situada no local de combate e não no território da Alma.

O silêncio consciente da Meditação é aquele mundo desconhecido povoado apenas pela Alma, e no qual a Alma é um espectador sem espetáculo. No entanto, esta é uma maneira de falar por aproximação daquilo que não pode ser falado, porque o silêncio está além de todo discurso, assim como a Alma está além de toda ação.

Para aqueles cujo coração está colocado na fala e para quem a ação é vida, o Silêncio é vazio. Para aquele cujo coração está colocado na finalidade do mundo, na meta da jornada, o Silêncio é o local em que mora a Alma. Quem entra no silêncio volta ao seu lugar próprio. O Ser Indescritível lá situado sabe que o Tempo, o Espaço e a Causalidade são três nomes do Silêncio, aquele silêncio em que é tecido o fio tríplice dos três mundos. Nesta ausência de sons “a Alma cresce como a flor sagrada sobre a lagoa de águas imóveis”. [2]

[O texto acima foi publicado pela primeira vez como uma nota anônima na edição de dezembro de 1929 da revista “Theosophy”, de Los Angeles, p. 84. Uma análise do seu conteúdo, estilo e contexto histórico indica que seu autor é John Garrigues (1868-1944). O artigo também foi publicado na edição de dezembro de 2014 da revista eletrônica “The Aquarian Theosophist”. Título original: “The Silent Soul”.]

NOTAS:

[1] Alusão ao Fragmento I do livro “A Voz do Silêncio”, de HPB. A obra está disponível em www.FilosofiaEsoterica.com. (CCA)

[2] O florescimento da alma no território da sabedoria é uma das metáforas mais usadas em “A Voz do Silêncio”. (CCA)

000

A Verdadeira Origem do Cristianismo

Há uma verdade histórica que certos meios religiosos procuram esquecer: as seitas e igrejas cristãs adotaram como sua a Bíblia Judaica e, em seguida - ao invés de expressar gratidão - passaram a perseguir o antigo povo cuja cultura está na origem da religião das igrejas.

O berço do cristianismo é cem por cento hebraico. As esperanças messiânicas são tipicamente judaicas.

Foi o cristianismo imperial de Roma que passou a acusar genericamente “os judeus” de matar Jesus, promovendo racismo em nome de Deus e esquecendo que tanto Jesus como seus discípulos diretos eram todos judeus e jamais fundaram qualquer igreja.

00000

A Verdadeira Confiança: **Autorrespeito e Responsabilidade**



Não é possível fabricar artificialmente uma atitude honesta diante de si mesmo e da vida. Alguém pode ser coagido a dizer a verdade, ou a aceitá-la, com medo das consequências da mentira. Isso não é o mesmo que ser sincero.

A sinceridade existe quando é espontânea e até inevitável para o indivíduo. E ela é com frequência politicamente errada. Ela desgosta os outros inúmeras vezes.

A hipocrisia é doce: a sinceridade pode ser amarga e ácida. Há um preço a pagar por ela. Ser honesto com as palavras requer autoestima, autorrespeito e autorresponsabilidade. Porque é necessário resistir a pressões e chantagens sutis.

O respeito de cada um por si mesmo está na base da prática da sinceridade e na origem do sentido de responsabilidade. O indivíduo sincero tem autoestima. Por isso ele responde pelo que faz e diz e cumpre seus deveres. Para aquele que não sente respeito por si mesmo, porém, é fácil mentir e agir como se fosse irresponsável. Naturalmente todos são responsáveis pelo que fazem, arcando com as consequências das suas ações boas e más, certas e erradas.

Os chamados “irresponsáveis” são apenas aqueles que negam para si mesmos a lei da causa e efeito e fazem de conta ou fingem para si próprios que podem fugir da lei da vida.

A independência pessoal é prejudicada em uma sociedade materialista, o que provoca falta de ética. A autoconfiança é a base indispensável do sentido de responsabilidade.

O que dizer das novas gerações? Um ambiente de competição, rancor e ambição obstaculiza a autoestima das crianças e dos jovens. É deste modo que a ignorância socialmente organizada coloca em ação as fontes da ilusão emocional, da mentira e do sofrimento desnecessário.

As estruturas educacionais ou religiosas que se baseiam em obediência cega tornam mais difícil a autoconfiança do indivíduo.

A teosofia nos convida a perceber nossa aparente solidão e a inevitável responsabilidade pessoal diante da vida. Ao aceitar os deveres que tem para com sua própria consciência, o ser humano descobre a verdadeira solidariedade.

A franqueza com os outros resulta da honestidade consigo mesmo. A postura ética perante o mundo vem ao lado da compreensão de que somos responsáveis pelo nosso passado e futuro. Compreendendo estes fatos, descobrimos o cumprimento do dever como fonte de uma satisfação profunda que nada pode tirar de nós. Não somos infalíveis. Nosso dever é fazer o melhor possível, sem pressa e sem pausa. E isso é o suficiente.

000

Uma Ação de Longo Prazo



Helena Blavatsky (1831-1891)

As bases da futura fraternidade planetária apenas começaram a ser construídas.

O tempo histórico se mede por séculos e milênios. A humanidade atual terá que avançar mais alguns passos na direção da ética e da ajuda mútua sem fronteiras, antes que possa ser percebida a verdadeira dimensão do trabalho pioneiro realizado por Helena P. Blavatsky no século 19.

A Nossa Maior Força

Joana Maria Pinho



Dentro de nós estão as chaves que solucionam os diversos problemas e desvendam os grandes mistérios. Se procurarmos no lugar certo com a intenção correta, acabaremos por encontrar a fórmula para a paz interior e a fraternidade universal.

Nossos maiores erros têm origem na ignorância individual e coletiva. Olhar o mundo desde o ponto de vista da personalidade é limitá-lo. Preso a uma visão individualista e agindo de forma impulsiva, o ser humano erra da forma mais grosseira e dolorosa para todos. É certo que erraremos sempre, mas a grande diferença é que olhando para o mundo interior e o mundo exterior com a visão da alma, e agindo neles a partir desse centro luminoso, a margem de erro fica bem mais reduzida. Além disso, à medida que o convívio com o eu superior é fortalecido, o peregrino ao ver as ações inadequadas deixa de ficar preso aos problemas para se focar nas soluções.

O erro, como tudo na vida, tem várias dimensões. E para chegar até às suas causas há que olhar com coragem e sinceridade sobretudo para dentro de nós mesmos. O erro que vemos ao redor é algo que precisamos vigiar e muitas vezes corrigir em nosso interior. Um Mestre dos Himalaias escreveu as seguintes palavras sobre a origem dos erros e a forma de evitar futuras confusões:

“Controle seus sentimentos, de forma que possa fazer a coisa certa (...). Observe suas primeiras impressões. Os erros que comete surgem do fato de não fazer isto. Não deixe que suas predileções pessoais, afetos, suspeitas ou antipatias afetem sua ação.” [1]

Nossa maior fraqueza está em olhar para a vida superficialmente e agir de forma impensada. Por isso, nossa maior força encontra-se no ser amplo e profundo, o eu interno, e no estado meditativo promovido pela união com o eu superior.

NOTA:

[1] Da obra “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, transcritas e compiladas por C. Jinarajadasa, Ed. Teosófica, Brasília, 2010, 295 pp. Primeira Série, Carta 19, p. 61.

Ciclo da Ação Correta Inclui o Tempo de Repouso



Imagem de uma prática de aikidô

A ação eficaz deve combinar diferentes níveis de consciência.

É correto que haja um equilíbrio e uma harmonia entre os diversos tipos de esforço no plano das emoções, no plano dos pensamentos, e na ação física.

Cabe dar atenção a todo o ciclo, desde o esforço ao descanso, e ao esforço renovado.

Durante as horas de trabalho, o uso positivo das energias criadoras nos prepara para repousar melhor ao final do dia.

O Mistério do Foco Central



Um dos segredos da sabedoria esotérica está no equilíbrio necessário para ter um severo espírito crítico e abster-se da negatividade desnecessária.

A prioridade é colocar em ação e administrar as energias criadoras daquilo que é correto.

Os erros devem ser claramente mostrados, e é preciso tomar providências para corrigi-los. O foco central do esforço precisa estar na preservação e na expansão do que é mais valioso, e o mais valioso é ao mesmo tempo eterno e novo, tradicional e revolucionário.

A Escuta, o Pensamento e a Fala

Arnalene Passos do Carmo

Na sequência natural da vida, primeiro ouvimos e depois falamos. Ouvimos antes mesmo de desembarcar na estação terrestre. No útero materno, já reagimos ao som. Para avançar em autoconhecimento há que aprimorar o poder da escuta.

Muitas vezes subestimamos as sensações, os alertas e os *sinais de ajuda* que recebemos. A jornada de cada alma é única e a chave para sua evolução está implícita nos seus desafios. Criar um vínculo saudável com o silêncio passa pela escuta sincera e fraterna dos ruídos internos.

Os ruídos internos são como uma cela construída pelo egoísmo. Esta prisão acompanha o indivíduo onde quer que ele vá. Uma clausura que exige esforço e tenacidade para rompermos os padrões mentais e emocionais que já não condizem com a jornada atual.

Carlos Cardoso Aveline escreve que “cada pensamento e cada som é um mantra, porque detém um poder mágico de influenciar a vida de modo profundo.”

E ainda:

“Mas não basta controlar no dia-a-dia as palavras que falamos. É necessário selecionar também as palavras que escutamos. Devemos decidir com atenção o que queremos ouvir no rádio ou na televisão. É recomendável evitar filmes de violência e outras ‘obras de arte’ em que a mentira e o egoísmo estão excessivamente presentes. Tudo o que vemos tem impacto sobre o nosso subconsciente.” [1]

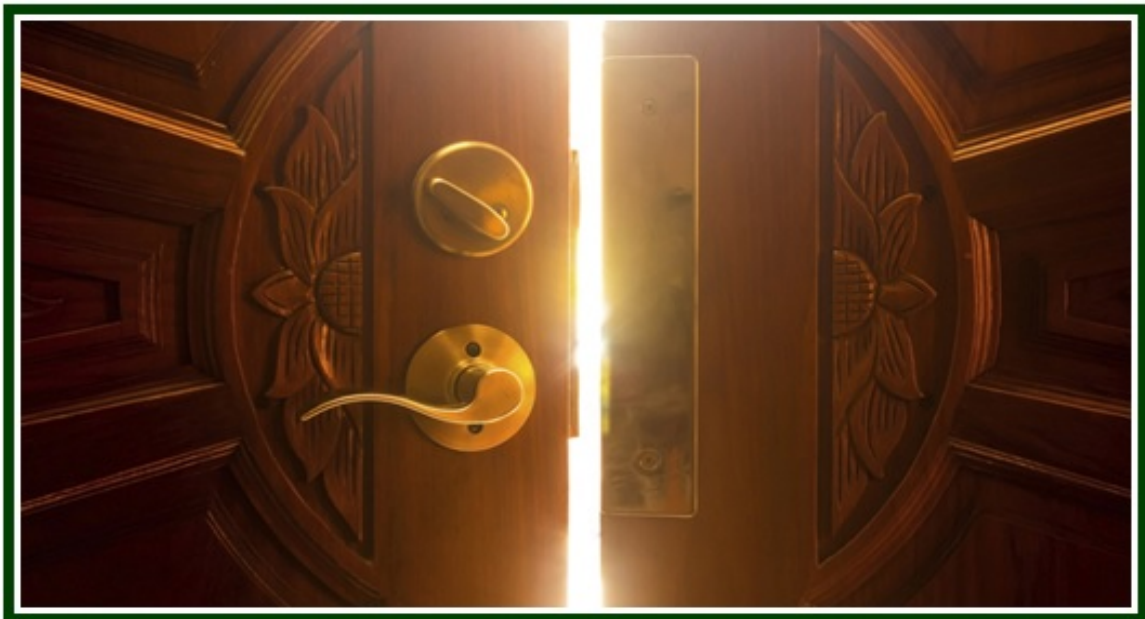
Cuidar do que ouvir, do que pensar e do que falar se torna o caminho pelo qual encontramos a nós mesmos. E este encontro é o encontro com o TODO. Sejamos, pois, cuidadores atentos.

NOTA:

[1] Do artigo “A Palavra Correta”, de Carlos Cardoso Aveline. O texto está disponível em nossos websites.

A Perfeita Vitória

Através do Autocontrole Encontramos A Paz e Podemos Agir Construtivamente



A literatura teosófica fala da aspiração ao discipulado como um desafio. Aqueles que optam por dedicar suas vidas ao autoaperfeiçoamento e à causa dos Mestres trabalham em uma realidade probatória.

Em qualquer área de conhecimento, os testes servem para determinar o que foi aprendido e se o estudante está apto para seguir adiante. O mesmo ocorre com a sabedoria divina. As provas

têm o propósito de dar elementos à alma para que ela situe o patamar no qual o aprendiz está. Só sabendo onde ele se encontra a alma poderá conduzi-lo de forma segura e eficiente pelo mundo do conhecimento.

O eu superior funciona como um guia e um terapeuta. Situações, acontecimentos e padrões energéticos podem ser “amargos”, mas, quando olhados desde o ponto de vista correto, funcionam como cura, ensinamento e progresso. A escola esotérica é interna e não-material. Os testes surgem sem aviso prévio através dos acontecimentos do dia-a-dia e da dinâmica entre os diferentes níveis de consciência do aprendiz.

Quando o estudante olha para a provação como algo que dificulta sua caminhada, ele revela seu lado infantil. Pais responsáveis protegem seus filhos e tentam que eles não deem passos para os quais não estão preparados. Os testes ajudam o eu superior a avaliar a maturidade do estudante, a protegê-lo se necessário e a incentivá-lo a seguir em frente quando ele demonstra estar preparado para avançar.

Sejamos gratos pelos “nãos” que a vida coloca, pois essa é a forma que ela tem de demonstrar o quanto nos ama e protege. Os “sins” surgem muitas vezes quando estamos preparados para os acolher com responsabilidade, mas às vezes eles aparecem apenas para nos testar. É através do autocontrole que encontramos a paz podemos agir positivamente. A vida retribui a energia que colocamos nela. A obra “Imitação de Cristo” ensina:

“... A perfeita vitória é triunfar de si mesmo. Porque aquele que se domina a tal ponto que os sentidos obedeçam à razão e a razão lhe obedeça em todas as coisas, este é realmente vencedor de si mesmo e senhor do mundo.” [1]

Esta é a vitória que cada aspirante ao discipulado deve tentar alcançar. O mundo interior é demasiado sagrado para que fique ao abandono. É dele que surge tudo o que vive e nele deve reinar o ser espiritual, o único capaz de governar com Amor-Sabedoria.

(JMP)

NOTA:

[1] “Imitação de Cristo”, de Tomás de Kempis, Editora Vozes, Petrópolis, Brasil, 2013, 317 pp., p. 231.

000

A Despedida de Helena Blavatsky

H.P. Blavatsky morreu em Londres, às 14h25 de 08 de maio de 1891, devido a uma infecção respiratória provocada por gripe. Havia uma epidemia na cidade. Em tese, H.P.B. poderia ter sido curada pelos Mestres, como ocorreu em várias ocasiões anteriores. Mas é provável que a situação interna do movimento já não recomendasse o prosseguimento do esforço até 1899, como era esperado. Em ocultismo, as datas relativas a ciclos são aproximadas. O essencial havia sido feito.... (Do artigo “**A Função da LUT no Movimento Teosófico**”, de Carlos Cardoso Aveline)

Ideias ao Longo do Caminho

Observando a Presença do Sagrado na Vida Cotidiana



- * **A** ajuda mútua é a lei da vida.
- * O pensamento correto e a emoção honesta constituem a base da ação eficaz.
- * A tarefa do ser humano é construir em sua consciência uma escada entre céu e terra.
- * Muitos levam uma vida cheia de barulho e de agitação. Fazem assim uma tentativa infeliz de fugir da voz da sua própria consciência.
- * O caminho da sabedoria implica criar na vida diária hábitos físicos, emocionais e mentais compatíveis com a filosofia universal que se estuda.
- * Na ausência de uma vontade fortalecida, confusões aparecem. Uma calma e firme autodisciplina é a chave para transformar boas intenções em ações corretas.
- * A autopurificação abre o caminho do autoconhecimento, e é inseparável do sentimento de autorresponsabilidade.
- * A essência do universo guia cada vida humana e brilha, quase invisivelmente, no centro do nosso ser individual.
- * Os ciclos e ritmos da vida expressam o carma. Observá-los permite que harmonizemos o fluir da energia desde o mundo das Causas para o mundo dos Efeitos.

- * Pregar no deserto significa emitir um mantra. A tarefa requer discernimento: se o trabalho for bem feito, no tempo certo surgirá um pequeno oásis.
- * Para ficar livre da ignorância não basta desejar liberdade. O desapego e a liberdade resultam de um conhecimento das muitas maneiras como a ignorância funciona, e de um compromisso de optar constantemente pelo caminho da sabedoria e da ética.
- * Não pense que conforto é felicidade. Longe disso. O caminho do sofrimento é pavimentado com apego à satisfação pessoal. A felicidade resulta da sabedoria, isso sim, e é inseparável do discernimento.
- * O fato de que ao longo da história as civilizações se sucedem umas às outras deveria ser suficiente para percebermos que elas são ilusórias. Buscar a verdade, em filosofia esotérica, significa transcender o horizonte da atual “civilização”, a qual, aliás, em muitos aspectos é bem pouco civilizada.
- * Cada ser humano contém em si mesmo o que é permanente e o que é impermanente. À medida que alcança a sabedoria e passa pelas mudanças necessárias, a presença do eterno em sua alma ganha influência.
- * A existência de um perigo real é um dos principais professores de quem busca a sabedoria. É impossível trabalhar pelo bem da humanidade sem enfrentar várias formas de ignorância organizada. Graças aos obstáculos, podemos aprender melhor um grande número de lições úteis.
- * Há épocas em que a mentira e a falsidade prevalecem. E há épocas em que as ilusões já não resistem ao seu próprio peso, mas implodem e são derrotadas. Então a sinceridade renasce livre, trazendo consigo uma primavera da ética e da justiça.
- * Para agir com eficácia e fazer a diferença, cabe localizar o ponto no espaço e no tempo em que a diferença pode ser feita.
- * A paciência e a perseverança exercidas na direção correta irão primeiro construir, e depois revelar o momento decisivo no local certo.
- * Embora seja indispensável uma certa indiferença ao mundo externo, o desapego pessoal deve ser compensado pela capacidade de resposta intensa e imediata diante de um fato novo significativo.
- * Uma das principais ilusões a evitar é a ideia de que nossa paz e o nosso sossego dependem principalmente de circunstâncias externas. O sossego e a paz dependem sobretudo da força da nossa alma e da nossa decisão de longo prazo de alcançar a bênção interior. Os fatores externos se adaptam invisivelmente à condição da nossa alma.
- * Todos os aspectos do tempo pertencem à eternidade, e também ao momento presente. Como resultado disso, a prática de aprender lições do passado e os esforços por construir um futuro melhor fazem parte, todos eles, do Tempo Eterno. As sete eternidades estão ocultas no instante de agora. O momento presente percorre as sete eternidades e vai ainda mais além.

Formando Bons Hábitos

A Criatividade na Teosofia da Vida Diária

Joaquim Soares



O caminho da sabedoria é fonte de paz e felicidade e começa com o conhecimento de si mesmo.

A filosofia esotérica ensina que aquilo a que chamamos personalidade, o quaternário inferior, é um aglomerado de *skandhas*, ou o conjunto de registos cármicos de vidas passadas. Os *skandhas* constituem a nossa herança cármica. Estão compostos pela soma de tendências, hábitos, defeitos e qualidades, e são ativados a cada nova encarnação. De um ponto de vista oculto, podemos dizer que somos filhos de nós mesmos.

Um dos efeitos do estudo sério da teosofia clássica e do esforço por viver o ensinamento é que passamos a desafiar a ignorância acumulada em nós próprios.

O ser humano é complexo. Trazemos em nós hábitos e tendências que alimentam a ignorância, produzindo sofrimento desnecessário. Ao mesmo tempo, também possuímos em maior ou menor grau padrões energéticos sintonizados com a sabedoria e que produzem felicidade.

O desafio está em concentrar nossa energia e vontade naquilo que é positivo e deixar de alimentar o que é negativo. A arte de substituir hábitos nocivos por hábitos saudáveis é central na aprendizagem da sabedoria. [1]

Um pequeno poema intitulado “Hábito” (“Habit”, no original em inglês) descreve a importância de nos mantermos vigilantes em relação aos nossos hábitos:

“O hábito no princípio é apenas um fio de seda,
 Belo como as delicadas teias aladas que balançam
 Nos raios quentes de sol de um dia de verão;
 Um riacho raso, ondulando sobre o seu leito;
 O broto da planta, antes de suas raízes se espalharem;
 Um espinho em teu caminho, ainda não endurecido;
 Um filhote de leão que ainda não fareja a presa;
 Uma pequena criança risonha obedientemente conduzida.
 Cuidado! Esse fio pode prender-te como um grilhão:
 Esse riacho se acumular num mar fatal;
 Essa muda se transformar numa árvore cheia de nós;
 Esse espinho, crescido e duro, pode ferir-te e trazer dor;
 O filhote brincalhão revelar seus dentes assassinos;
 A criança, um gigante, esmagar-te sob seus pés.” [2]

Ao adquirirmos consciência dos hábitos instalados e das suas consequências para nós e para os outros, temos a possibilidade de tomar a vida em nossas mãos e decidir qual o tipo de carma que queremos plantar a cada dia.

Avançar no caminho pressupõe o plantio de bons hábitos e de padrões vibratórios corretos. Devemos elevar-nos acima dos velhos *skandhas* da ignorância individual e coletiva. Este processo é probatório e contém múltiplos desafios e lições valiosas. O progresso acontece quando aprendemos com os erros e acertos enquanto perseveramos no esforço. O caminho é percorrido ao longo de várias vidas, no ritmo e no modo de cada um. Podemos ler no texto “Uma Batalha Diária”:

“A luta por agir de modo correto é simultaneamente física, emocional e mental. Deve-se estabelecer melhores hábitos. É necessário reduzir ou eliminar padrões errados de vibração. Ao preparar a si próprio através de intenções nobres, pensamentos adequados e ações justas, o indivíduo purifica seu instrumento - o eu inferior - e se liberta gradualmente de ilusões e sofrimentos desnecessários. Assim ele alcança uma paz que é interna, e não externa. O sofrimento humano será seu até o final, mas ele aprenderá a ser maior que a dor.” [3]

Desenvolvendo a capacidade de auto-observação, começamos a discernir os mecanismos psicológicos de apego a um variado conjunto de hábitos inconscientes que trazemos do passado. Esses elementos funcionam em nossa aura como bloqueios à expansão do magnetismo curativo do amor que emana do coração.

Passo a passo, vamos percebendo, não só mentalmente mas de forma vivencial, que nós não somos o nosso corpo, nem o que sentimos, nem o que pensamos.[4] A nossa “personalidade”, o eu inferior, é sim um valioso instrumento - o templo da Alma imortal. Nossa tarefa sagrada é purificá-lo para que nele brilhe a luz do Eu Superior.

O fato de que tudo é cíclico na vida é um aspecto a levar em conta em nossos esforços. Robert Crosbie afirma:

“O jeito de corrigir hábitos é *reconhecer* que os pensamentos errados irão retornar, e que mesmo os pensamentos que não são bem-vindos retornam obrigatoriamente devido à lei. Por isso, estabeleça um pensamento *oposto* - ou um sentimento oposto, ou comece uma ação na direção oposta. Continue fazendo isso da melhor maneira que puder, e finalmente você vai destruir o velho ciclo e estabelecer outro, novo.” [5]

Algumas linhas mais adiante Crosbie comenta:

“...É observando o retorno das impressões mentais que podemos corrigir os hábitos. Hábitos de qualquer espécie são criados por repetição. Na primeira vez que fazemos algo, ainda não há um hábito; mas se repetirmos a ação, e continuarmos repetindo, ela finalmente se tornará automática. Com o conhecimento da lei dos ciclos, os hábitos ficam dentro dos limites do nosso controle inteligente.”

Uma visão de longo prazo e uma meta elevada contribuem para aumentar o desapego em relação às marés e aos diferentes ciclos da vida. Mesmo pequenos passos dados são valiosos e todas as tentativas de viver um ideal altruísta são importantes. Nada se perde. O que importa é tentar, sempre.

Bons hábitos em relação a pensamento, estudo, alimentação e saúde, assim como a dedicação a uma causa nobre, abrem espaço para a vivência do que é bom, belo e verdadeiro. A cada dia, temos a possibilidade de viver interiormente a paz e a felicidade.

NOTAS:

[1] Vale a pena ler o texto “Vivendo na Atmosfera da Teosofia”, que pode ser encontrado em www.FilosofiaEsoterica.com e seus websites associados.

[2] O poema, de autor anônimo, foi publicado na revista “Lucifer”, edição de maio de 1890, editada por HPB. (A palavra “Lúcifer” significa “portador da luz” e se refere ao planeta Vênus: foi distorcida na Idade Média por teólogos ignorantes.) O original em inglês do poema está disponível em nossos websites.

[3] O texto foi escrito por Carlos Cardoso Aveline e está publicado em nossos websites.

[4] A ideia está colocada em um trecho de Robert Crosbie que encontramos no artigo “A Ioga do Dever”, de Carlos Cardoso Aveline.

[5] Reproduzido do artigo “Os Ciclos dos Hábitos”, de Robert Crosbie, que pode ser lido em: http://filosofiaesoterica.com/ler.php?id=107#.VUnVF_IViko.

000

Nada é Por Acaso

Não é por acaso que os votos e juramentos fazem parte de todas as culturas humanas. Sejam formais ou informais, religiosos ou não, os compromissos solenes aumentam a força das decisões de longo prazo. Mas eles também trazem testes.... (Do artigo “A Força de um Compromisso Sagrado”, de Carlos Cardoso Aveline)

